



FRANÇA — BOLSA DE PARÍS.

Antes da revolução de 1789 os negociantes da praça de Paris reuniam-se no palacio Mazarino. Posteriormente passaram a juntar-se na igreja dos frades menores, e no palacio real. Napoleão foi quem projectou a construção de um edificio para a bolsa, tal como o exigia a grandeza da França então, e o objecto a que se destinava. Começou-se de feito a edificação d'este notavel monumento em 1806, concluindo-se em 1826. Serve elle ao mesmo tempo para os negocios da bolsa, e para séde do tribunal superior de commercio.

Tem o edificio a fórma de um parallelogrammo de 138 metros de comprimento sobre 82 de largura, decorado de sessenta e oito columnas de ordem corinthia, assentes sobre um envasamento de tres metros de altura. A das columnas é de 10 metros, e um de diametro.

O grande salão é ao nivel do solo, no centro do edificio; tem 25 metros de largura e 38 de comprimento; é bem illuminado e ventilado, e pode conter desafogadamente até duas mil pessoas. O pavimento é de marmore, e as muralhas guarnecidas de baixo-relevos, representando allegorias commerciaes. Em uma das extremidades do referido salão vêem-se os gabinetes dos agentes da bolsa e dos corretores de

commercio. Tem outras salas á direita, e á esquerda a escadaria que conduz ao tribunal de commercio.

São dignas de attenção as pinturas que adornam os arcos da sala grande, devidas, na maxima parte, aos pinceis de Abel de Pujol e Meynier. No fundo da sala, que serve de tribunal de commercio, ha tambem formosissimas pinturas representando allegorias muito primorosas.

As horas que então destinadas para as transacções são da uma ás cinco da tarde; comtudo as galerias franqueam-se ao publico desde as nove da manhã.

A inspecção d'este edificio está a cargo de um commissario nomeado pelo ministro da fazenda.

O palacio da bolsa é considerado como um dos mais magestosos monumentos de Paris, chegando a rivalisar com a sumptuosa igreja da Magdalena.

UM JUDAS HERMAPHRODITO.

I.

É Pedro um rapaz,
D'alcunha o *Fragata*,
Maneche capaz,

Que dá sóta e az
 Nas cousas do mar.
 Um peixe a nadar,
 Que faz e concerta
 Tarráfas, chinchôrros:
 E tem mão tão certa,
 Co'a fiska ao candeio,
 Que os peixes, sem vel-os,
 Espéta-os ao meio!
 E barco, ou bateira,
 Que vá de carreira,
 Que á vela, que á vara,
 'A remos, não digo,
 Que é lá cousa rara);
 Governa o *Fragata*
 Melhor, do que *Alboni*
 Um trilo, ou volata.
 Honrado, valente;
 Um bom coração...
 E a Deus, mais temente
 Do que elle, — isso não.
 Se, o padre vigario
 Lhe põe penitencia
 Resar uma c'ròa,
 Resou um rosario.
 Esbelta figura...
 D'idade na flor...
 Bizarro, — perfeito...
 Não ha mais que pôr.
 Airoso barrete,
 Mourisco gabão;
 As bragas de neve...
 Simpleza, mais não;
 Seu todo compunham
 De tal perfeição;
 Que a vel-o — senhoras...
 Rainhas, talvez.
 Não uma olhadella,
 Deitavam-lhe tres.
 — Perdido d'amor,
 O bom pescador,
 Só via Rosinha,
 Galante mocinha
 Mui bem concertada,
 Que o padre vigario
 Chamava — afillhada;
 E bôcas do mundo...
 Ai! bôcas nefandas,
 Que tudo em bolandas
 Remechem, revolvem...
 Que a muitos envolvem
 Com falsos enredos;
 Descobrem segredos!...
 Diziam... não digo.
 Mas digo, e direi:
 Cachopa de lei,
 Maior perfeição,
 Até'li, mais não.
 Se mouro, ou judeu,
 De tantos agrados
 Um só fôra seu.
 Daria... eu sei lá!
 Koraps, e talmuds,
 Imperios d'Allah!
 — Mas, se elle, — o *Fragata*
 Por ella morria,
 Mais sol, nem mais lua,
 Rosinha não via.
 Amavam-se, é certo,
 Mas, muito em segredo.

Que o padre o soubesse,
 Os dous tinham medo.
 Não, que elle não fosse
 Bondoso pastor,
 Dos pobres, amparo,
 Maior defensor.
 Mas, Pedro era pobre,
 Rosinha estimada:
 Que em casa de padre
 Jamais faltou nada.
 — Havia um maluco
 Na terra, — em Aveiro,
 Sobrinho direito
 D'um mestre barbeiro:
 Se reles navalha,
 Má lingua, o primeiro:
 Que a linda Rosinha,
 Tambem pretendia.
 Nem elle sabia
Nanaia — o maluco
 Se amava, se não.
 Quem diz, que patétas
 Tem lá coração!
 Mas fez taes promessas.
 Conselhos taes deu,
 Que pôz d'as avessas
 O tio, ao sandeu.
 E, se este era parvo
 Sem ser namorado,
 Tornára-se agora
 Um parvo quadrado.
 — O tal *Cóspe-fôra*...
 Ao rãpa-cabello
 Assim lhe chamavam,
 E a alcunha fundavam,
 Na grão demasia,
 Com que elle cuspiã;
 Um diz, que era vicio,
 Est'outro, que azia.
 E vicio, ou molestia,
 Que ao caso não vem:
 É certo, porém,
 Que o tal *Cóspe-fôra*,
 Já vendo o desdem
 Com que ella — Rosinha,
Nanaia tratava;
 Na cóla lh'andava.
 E tanto espreitou,
 E tanto indagou,
 Que soube... pudéra!
 Quem viu mexerico,
 De pobre, ou de rico,
 Occulto a barbeiro?
 Ha tal, qué dá novas
 Colhidas a cheiro!
 — De Pedro e Rosinha
 Amores soubera:
 E a bôca em cratera
 D'immundo volcão,
 D'injurias, e cuspo
 Se fez erupção!
 Alfim concluindo
 Com este sermão:
 «Oh vós, que m'ouvides
 Rebôlo, navalhas,
 Cortinas, toalhas,
 Panninhos da barba,
 E banha, e sabão:
 Se d'esse *Cuças*,
 Se d'esse *Pé-fresco*.

Se o *Pesca-alforréas*,
 M'as não pagar bem,
 Chamae-me também,
 Gigante na lingua,
 Em obras ninguém.
 Dizei... sim, fallae;
 Toalhas, cortinas
 A pelle m'esfregae.
 E vós, meu rebôlo,
 Meu rosto amollae.
 E vós — oh navalhas!
 Viris instrumentos,
 Que barbas, a fio
 Rapastes aos centos;
 Meu sceptro flammante,
 Que ao buço primeiro,
 Que eu fiz, inda a medo:
 Gritastes: — ávante!
 Serás um barbeiro!...
 Se Pedro, o *Fragata*,
 Ruim pescador,
 Logrado não fôr,
 Qual roda, torna-vos,
 De Santa Catharina,
 E d'este pescoço,
 Não fique nem osso,
 Na tal dirandina!

II.

Porque seu melhor adorno
 Agora o templo não tem?
 Nem Senhor crucificado,
 Nem santos vejo também!
 Porque, o sol d'essas imagens
 Alegral-o hoje não vem?
 Tristes, rôxos véus, só vejo
 Pendentes, aqui, além.
 Incensos, festivos cantos,
 Som de magua hoje os detem:
 É que d'ôr maior não houve
 O mundo p'ra maior bem.
 Hora fatal s'aproxima,
 Pranteia Jerusalem;
 Vae nas trevas submergir-se
 Pura estrella de Bethlem.

III.

Já tocam matracas,
 Já maços apromptam
 Rapazes, que contam
 À noute, na igreja,
 As trevas bater,
 A mais não poder.
 Lá vejo o barbeiro,
 Chamando, o primeiro
Gaiato d'Aveiro,
 Fallar-lhe em segredo,
 E dar-lhe dinheiro!
 — E ranchos de povo
 Já prestes caminham
 Caminho da igreja,
 Que as horas já vinham.
 E os mais precavidos
 De ha muito eram idos:
 Que em dias de festa,
 P'ra ter bom lugar,
 Convem madrugar.

Rosinha, e *Fragata*,
 Na igreja também,
 Pertinho, um do outro,
 Em ledo entretém,
 De ha muito se olhavam.

IV.

É noute. No templo patente,
 Que mal se allumia, de luzes só quinze,
 Ha cantos sentidos — innumera gente.
 Da conta, que vae decrescente
 Das luzes, — só brilha no meio a mais alta.
 Sumiu-se. — Eil-o o templo, que é trevas sómente!

V.

E em chusma, os rapazes
 Estrondo fazendo,
 As trevas batendo.
 E luz já traziam,
 Inda elles batiam.
 E os padres no côro,
 De cannas armados,
 Seus *cóques* vão dando
 Nos mais descarados,
 E a bulha findando.
 — Officio acabado,
 A mó se despeja,
 Do povo, sem conto,
 Que estava na igreja.
 Eis, junto ao degrau,
 Não sei de que altar,
 O povo a cercar...
 Zumzum, borbórinho...
 Sorrisos de mófa,
 Com seu escarrinho!
 Risadas no templo,
 Murmúrio tamanho...
 O caso era estranho!
 Se riso fazia,
 A Pedro, e Rosinha,
 Causava arrelia.
 E foi, que ambos indo,
 Officio já findo,
 A pôr-se de pé,
 Não houve de quê:
 Que saia, e gabão
 Pregados estão!
 E puxa, que puxa,
 E tão bem pregados,
 Que, nem um nem outra,
 Se dão despegados!
 E puxa, que puxa,
 E puxa a rasgar,
 E saia, e gabão,
 Rasgados lá vão,
 De tanto puxar.
 E Pedro, e Rosinha
 Sairam corridos;
 Elle fa raivando,
 Rosinha, essa quasi
 Perdêra os sentidos.
 — O caso contado,
 Vae sendo augmentado:
 Pois diz o dictado:
 «Quem conta seu conto
 Augmenta-lhe um ponto.»
 E conta d'aqui,
 E conta d'ali;

Que certo, que vário,
O caso contaram
Ao padre vigário.
Oh bôca damnada,
Que foste dizer!
Rosinha, coitada,
Cuidava morrer;
Não, que elle — o vîgario
De leve tocasse,
No caso fallasse;
Nem era preciso:
Pessoa de sizo,
Que viva connosco,
Por dentro, e por fóra,
N'um dito, n'um gesto,
Nos lê, sem demora.
— O *Rapa-bigodes*
O caso assoalhava,
Que em mal commentava:
Dizendo-o, — ser obra.
Castigo de Deus,
Exemplo a judeus,
Que em santo lugar,
Em vez d'adorar,
Vem só namorar. —
E baixos os olhos.
Em ar supplicante,
Por fóra mentia,
O tal meliante,
Por dentro sorria;
E a quem o ouvia,
Melhor persuadia.

VI.

O relógio não dá horas,
Os sinos emmudeceram;
Té as aves, em seus ninhos,
Seus cantares esqueceram.

Junta a igreja, gala a gala,
Já, seu throno guarneceram
Lindas jarras, flores, luzes,
E que todas s'accenderam.

Aromatica alcatifa
Pelo chão, vel-a estenderam,
E se mais pizada fôra,
Mais aromas recenderam.

Se mil annos, d'um tal dia,
Um a um se succederam,
Que de corações perdidos
A Jesus se não renderam!

As igrejas visitando
Anda gente, hoje, sem fim.
Quem viu quinta feira santa,
Que a não visse andar assim?

E já noute, infindo povo
Vel-o junto, sem motim.
Descoberto, de joelhos...
E pasmar! Mas não p'ra mim;

Que no seu andor, lá vejo,
Com seu manto carmezim,
Veneranda imagem, feita
D'um só tronco d'alecrim.

É do Senhor — *Ecce-homo* (1)
— E eu por vel-a também vim —
Procissão, — e a mais solemne.
Té mouros dirão, que sim.

VII.

Em erma viéla
Dous vultos, mais não,
Agora lá são.
Um posto, á janella,
Est'outro, no chão,
Que vultos serão?
Os dous, — elle e ella,
Rosinha, que a Pedro,
Por fina cordinha,
Às mãos lhe passava
Gentil condecinha:
Que *amendoas* levava,
Não digo a ninguém.
Que o padre as pagava.
Não digo também.

Pedro.

Ah *sôra* Rosinha,
Canté, se eu soubera
O méco, quem era,
Que os prégos pregou:
A fé de quem sou,
Que — sem mais barulho,
Lhe dava um *margulho*,
Baldeava-lhe o coiro,
Com'a quem, no rio,
Vasa o vertedoiro!

Rosinha.

Não ha de assim ser,
Meu Pedro: não ha de,
Sou d'outro par'cer.
Metter'st'em trabalhos,
Por quatro negalhos...

Pedro.

Negalhos! — Pois cuida...

Rosinha.

Eu cuido o que cuidas.
Que fôra mal feito,
Lá vir um sujeito,
Quem quer que elle seja,
Fazer-se atrevido;
E o que é mais, na igreja;
Merece castigo.

Pedro.

É o mesmo que eu digo,

Rosinha.

Mas vaes muito além.
Lição, que o escarmente,
E a nós, nos contente.
Dar mal, ficar bem...
Eis tudo.

Pedro.

Será.

Sua bôca o disse,
Calado estou já.

Rosinha.

Sei tudo. O *Nanaia*
Fallei-lhe inda agora,
Caíu, sem demora.

(1) Assim chamam em Aveiro ao Senhor da Canna Verde. —
É imagem de grande devoção, e construída d'um só tronco de
alecrim. O povo assim o afirma, e a Chorographia do padre
Carvalho, se bem me lembro, confirma-o.

Foi elle...

Pedro.

O maluco!

Rosinha.

Não, o *Cóspe-fóra*.

Peitára um gaiato,

Que ao bater das trevas,

Nos pregasse o fato...

Mas, deixa tu 'star,

Que as ha de pagar.

Pedro.

Como?

Rosinha.

Eu t'o digo.

— O Pedro, se o sabe,

Dizia eu commig.

Alguma desgraça,

Quem diz, que não faça?

E á conta dos medos,

Forjei meus enredos...

— Caluda!... Vem gente...

Amanhã... Adeusinho...

Mas vem mais cedinho.

VIII.

Já se ouviu — *Gloria in excelsis*.

Alleluia já soou;

E nem sino, nem garrida,

Nem um só d'elles tocou!

Pois se as trevas já findaram,

Se luz nova já raiou,

Nem um toque d'alegria,

Em Aveiro resoou!

Inda não; que ao signal dado

Da *Matriz* tudo ficou;

E n'um tempo, agora tudo,

Tudo em cheio repicou (1).

D'essa alegre hora festiva

Olvidado inda não sou.

Commoções, que o berço dera

Inda o tempo ás não levou.

Grossa pedra d'Alleluia,

Com que o lorpa carregou,

Ajoujado — de tão longe...

A vel-o cuido que estou!

IX.

E um Judas pendente,

Na corda dansava;

Ao som d'algararra,

Que a plebe soltava.

E povo, e mais povo,

Se o caso era novo!

Que a *Judas*, Aveiro

Não era vezciro (2).

— E o Judas bailando,

Um, já perguntando,

Aquelle explicando,

Em terras do reino

A usança ter visto.

— E juntas, dispersas,

Mil vozes diversas.

«Pois Judas é isto!»

— E a plebe, que rira!

Se ao Judas, agora,

Deu tal vira-vira,

Que, quasi, o despira!

Vozes.

— Caíram-lhe as calças!

«É Judas, sem alças»

— Espera — traz saia!

«Mas Judas é macho!...»

— Este é d'outra laia;

«Será macha-femea!»

— E n'isto, um gaiato

Doutor no pião,

Em péla, e bilharda.

Lhe chega um tição.

E o fogo s'ateia,

E o Judas rabeia:

Já bichas sibilam,

E se alto ribomba

O estoiro da bomba,

Tambem dão seus baques

Alguns trique-traques.

— E o Judas então,

Caído é no chão.

Gaiato.

— Caluda, rapazes!

Prestae-me attenção.

— E vel-o, que abraza

Pequena caixinha,

Que o Judas continha;

E d'ella, que tira

Papel, onde escriptos

Estão estes ditos:

— Come pão de milho e sêmea,

Este Judas macha-femea,

De marido, e mulher tem

Seu fato: — de mais ninguém.

E quaes são sabêde agora:

Ella, e o mestre *Cóspe-fóra*! —

Geral gargalhada,

O povo soltava,

E o mestre fitava;

Que já d'abalada,

Veloz se *raspava*,

Ao som d'apupada.

Fragata sorria,

Rosinha tambem;

E já lhe dizia:

— Vingámo-nos bem.

O mestre fez queixas

Ao padre vigario.

Ouvida Rosinha,

Não disse o contrario;

E só, que o barbeiro

Zombára primeiro.

O padre zangou-se,

Primeiro ralhou,

Por fim perdoou;

Depois perguntou:

(1) Lembro-me, que quando eu era pequeno, assim se praticava em Aveiro. Hoje não sei se a usança ainda subsiste, por que ha 28 annos que lá não vou. Aquillo, sim, que era uma verdadeira *Alleluia*, do que ainda me recordo com saudade infantil, de todas a mais grata.

(2) Assim era, na minha meninice. A usança do Judas, em sabbado d'Alleluia, era ali desconhecida; ou pelo menos o povo não a punha em pratica.

Padre.

Que idéa de Judas
Foi esta?—Onde a viste?
Que fóra d'Aveiro
Diriam saíste!

Rosinha.

Contou-me a vizinha,
Que a festa, em Lisboa,
Seus Judas lá tinha:
De como os vestiam...
Do que lhes faziam...
E agora—padrinho,
Que sabe a verdade...
Negar-me, não ha de...
Pois elle... o Pedrinho...
Riquezas... não tem...
Bem sabe, o padrinho,
Se as tenho... também...
E depois...

Padre.

Depois?

Morreram as vacas,
Ficaram os bois:
—O que Deus quizer,
Só isso ha de ser.—
E seja!—Que as paschoas
Alegres nos venham,
E taes se mantenham...

Rosinha.

Padrinho d'esta alma!
Que abraço de calma!...

Padre.

«Silencio!—O folar,
Que este anno receba...
É teu... e... casar!
E Deus te abençoe...»
—E o padre a chorar!

Em autos conclusos,
Os casos confusos,
Eis claros estão.
Só falta dizer-vos,
Que o parvo Nanaia,
Que as calças, e saia,
Levara,—coitado,
Depois de ralhado,
Cuspido, tosado
P'lo mestre barbeiro,
Foi quem mais perdeu.
Em toda a questão,
Ou perde o vilão,
Ou perde o sandeu.

Mafra, 31 de março de 1855.

J. DA C. CASCAES.

NAVEGADORES ESTRANGEIROS.

III.

DESDE QUEIROZ ATÉ BOUGAINVILLE.

(SÉCULOS XVII E XVIII)

A testa dos navegadores do século XVII apparece Fernando de Queiroz, ou Pedro Fernandes de Queiroz, que uns dizem haver sido portuguez, outros hespanhol, e que servira de piloto com o celebre Men-

dana, quando este foi assassinado na ilha de Santa Cruz ou de Egmont, em 1595. Encarregado pelo governo iberico de descobrir um continente austral, de cuja existencia foi elle o primeiro a conceber a idéa, diz Cook, partiu de Callao a 21 de dezembro de 1605, com duas naus e um patacho, sob o commando superior de Luiz Paz de Torres. Governando a oes-sudoeste foram descobrindo diversas ilhas, que depois tem sido reconhecidas por outros navegadores, recebendo successivamente diferentes nomes, até que chegaram á terra austral do *Espirito Santo*, á qual muito depois Bougainville chamou *archipelago das Grandes Cycladas*, e Cook denominou *Novas Hebridas*. As duas naus separaram-se á saída da bahia de S. Filippe e S. Thiago; e em quanto Queiroz voltava á Nova Hespanha, soffrendo faltas de agua e de mantimentos, Torres passava, o primeiro, entre a Nova Hollanda e a Nova Guiné, e dava para sempre o seu nome áquelle estreito. Em o numero das ilhas encontradas por Queiroz, conta-se a de Taiti ou Otahiti, a que elle deu o nome de *Sagitario*.

Tres annos antes explorava Gosnold o norte da America, reconhecendo a bahia de Massachusetts, e varias ilhas do novo mundo. Os inglezes, que se não descuidavam então de visitar aquellas paragens, descobriram em 1607 a bahia de Chesapeake; e no mesmo anno começou o piloto Hudson uma longa viagem na direcção do polo arctico, dando o seu nome a um grande golpho, que designou com o titulo de bahia, diligenciando, como tantos outros navegadores, antes e depois d'elle, encontrar a suspirada passagem para o mar do sul. As suas explorações n'estes mares tempestuosos, por entre ilhas de gelo, que ameaçavam de continuo os navios, estendeu-se até 1610. Logo no anno seguinte descobre João Mayen, hollandez, a ilha do seu nome, no mar Glacial; e outro batavo, Jorge Spilberg, enviado ás Molucas pelo estreito de Magalhães, em 1614, destroe uma esquadra hespanhola no Peru, e volta á Europa atravessando o grande oceano.

Dous navegadores da mesma nação, Le Maire e Schouten, partiram em junho de 1615 na direcção do sul da America. Tendo ardidado no porto *Descjado*, um dos seus navios, o *Horn*, continuaram a viagem no que lhe restava, a *Concordia*, e descobriram o estreito de *Le Maire*, ao sul do estreito de Magalhães, e além ainda o cabo de Horn, costeando o qual passaram ao mar Pacifico. Em seguida deram vista de diferentes ilhas desconhecidas até então, visitaram a Nova Bretanha, e a parte da Nova Guiné chamada hoje Nova Irlanda, e chegaram a Batavia em outubro de 1616. Ao mesmo tempo, em outro extremo do mundo, descobria Williams Bassin, navegador inglez, o mar do norte que tomou o seu nome. Durante os seguintes annos, varios exploradores hollandezes reconheciam as costas da Nova Hollanda: Nuyts, Witt, Carpenter, Edels, Hertog, e outros, deixaram os seus nomes a varios logares d'aquelle grande continente. O almirante L'Hermite, da mesma nação, fez uteis investigações nas vizinhanças do cabo de Horn, e passou pelo estreito de *Le Maire* em 1624. Porém o grande navegador batavo d'aquelle seculo foi Abel Tasman, que deixou de si memoria eterna, descobrindo a terra de *Van-Diemen*, a *Nova Zelandia*, e muitas outras ilhas do mar do sul, pelos annos de 1642 e 1643. Só os gelos polares impediram que passasse ávante o intrepido nauta, deseioso de encontrar um continente austral. Em seguida outro conterraneo seu, o capitão Vries, descobre o estreito do seu nome, o golpho de Aniva, e a ilha da Com-

panhia, terminada ao norte pelo cabo *Kastricum*, nome do navio em que ia Vries.

Um intervallo de vinte annos separa d'estas ousadas navegações dos hollandezes os não meños importantes trabalhos marítimos de Cowley, piloto bretão, e de Dampier, seu joven companheiro de viagem. O primeiro reconheceu as ilhas Gallapagos, perto do equador, e outras a que deu differentes nomes, que já hoje não conservam; o segundo, em subsequentes expedições, descobriu as ilhas de *S. Mathias* e *Tempestuosa*, visitou a costa oriental da Nova Irlanda, e a costa meridional da Nova Bretanha, legando o seu nome ao estreito que separa esta ultima terra da Nova Guiné. Por este novo caminho vae encontrar as ilhas da *Coróa*, do *Vulcão* e outras; e termina a sua gloriosa carreira marítima acompanhando o almirante Wood-Roggers na passagem do cabo de Horn, e no reconhecimento de muitas ilhas do Pacifico. Apenas o nome de um navegador hespanhol, Francisco Padilla, apparece n'esta epocha em competencia com os dos batavos e bretões; e só um francez tambem, La Salle, que descobriu a *Luisiana*, em 1673. Um allemão, Kempfer, surge pela primeira vez na scena marítima, explorando cuidadosamente o Japão em 1692. Vlaming, hollandez, reconhece as ilhas de *S. Paulo* e de *Amsterdam*, que se suppõe já terem sido avistadas por outro batavo, o immortal Tasman.

E mais nada de importante apresenta o quadro das navegações europeas d'este seculo; o gosto pelos descobrimentos ia affrouxando, e só na segunda metade do seculo XVIII creou novo vigor. Então reapareceram valentes circumnavegadores, ousados exploradores das regiões polares, e tentou-se outra vez encontrar ao norte a passagem para o mar das Indias. Os russos começaram desde 1711 a fazerem-se conhecidos no mar, occupando as ilhas Kuriles, e como vizinhos que são do polo arctico, emprehenderam d'ahi em diante muitas viagens de descoberta n'aquelles mares, occupando varias ilhas, e estendendo os limites do imperio por costas inhospitaveis e portos quasi sempre gelados.

Em 1721 equiparam os hollandezes tres navios, destinados a explorar o mar do sul, sob o commando e direcção do almirante Roggewin. Tendo montado o cabo de Horn, e já em principios do seguinte anno, descobriram a ilha de *Paschoa*; as *Perniciosas*, ilhas baixas onde se perdeu um dos navios da expedição, as ilhas da *Aurora*, de *Vesperas*, o archipelago *Labyrinto*, o de *Bauman*, as ilhas *Solitaria*, *Recreação*, *Thienhoven*, *Groningue*, e mil outras, das quaes um grande numero ainda não foi de novo encontrado.

Behring, distincto navegador dinamarquez, ao serviço da Russia, descobre o mar a que deu o proprio nome, e o estreito tambem denominado de Behring, que separa a Asia da America, em 1728. As suas explorações n'estes mares duraram alguns annos, e as descobertas que fez são numerosas. Pronchikoff, navegador moscovita, continúa a devassar estas regiões de eternos gelos, e reconhece a parte septentrional da Siberia. Lozier Bovet, com dous navios, parte para o oceano meridional em 1738, encarregado, pela companhia franceza das Indias orientaes, de procurar novas terras. No primeiro de janeiro de 1739 avistou uma ilha, em 54 graus de latitude sul; porém Cook suppõe que este pretendido paiz não fosse mais do que algum gelo fluctuante, pois que debalde o procurou quando visitava aquelles mares. Ao mesmo tempo continuava Laptief, navegador

russo, a exploração da costa septentrional da Siberia; e no seguinte anno dava principio a sua famosa viagem o celebre Anson, inglez, que pouco adiantou em conhecimentos geographicos, mas cujos successos militares foram de nomeada.

Tschirikow, navegador moscovita, percorria em 1741 a costa da America russiana, e o seu nome foi dado a um cabo e a uma bahia d'aquella região por La Perouse, muito tempo depois. Middleton, britão, descobre o canal de Fox, no mar Arctico, em 1742. Ellis explora a bahia de Hudson em 1747.

Desde então nenhuma empreza marítima se tentou até 1764, data da abertura de uma nova epocha de descobrimentos, que tem sido continuada quasi sem interrupção até aos nossos dias. Já não se procuram terras, meramente por curiosidade ou por ambição; commissões scientificas acompanham os nautas na exploração dos paizes desconhecidos, e a esphera do saber humano alarga-se ao cabo de cada uma d'estas viagens. Os nomes de Bougainville, Cook, La Perouse, Urville, Ross, Franklin, estão alliados a importantes descobertas de todos os generos; e alguns d'estes valentes navegadores foram victimas do seu amor pela sciencia, e morreram ás mãos dos barbaros como o seu nobre predecessor Fernando de Magalhães! A alguns dedicaremos n'este estudo um espaço maior do que temos dispensado a grande numero dos exploradores marítimos, e indicaremos ao leitor aonde pode buscar mais amplo conhecimento dos seus trabalhos uteis.

O comodoro inglez Byron enceta esta nova carreira de gloria scientifica. Saíndo das Dunas em 21 de junho de 1764, com dous navios, o *Golphinho* e o *Conquistador*, visita as ilhas Falkland (Malvinas), e penetra no mar do sul pelo estreito de Magalhães, determinando com exacção os contornos d'esta passagem de um para outro oceano. Em seguida descobre as ilhas do *Desapontamento*, que assim denominou por não poder communicar com ellas, quando o seu aspecto lhe promettia optimos refrescos; e vogando ao noroeste vae successivamente dando vista das ilhas do *rei Jorge*, do *principe de Galles*, do *duque de York*, e de *Byron*, até que, feito um giro inteiro em volta do globo, chega a Inglaterra no dia 9 de maio de 1766.

No mez de agosto seguinte tornou a partir o *Golphinho*, com outro novo companheiro, o *Andorinha*, commandados por Wallis e Carteret, em busca de aventuras marítimas no Pacifico. Tendo passado o estreito de Magalhães, os dous navios se separaram, e cada um dos capitães buscou a seu rumo novas descobertas. Wallis caminhou direito a oeste, em uma latitude tão elevada como nenhum antes d'elle navegára, mas não encontrou terra senão para dentro do tropico. Ahi descobriu ou reconheceu as ilhas de Pentecostes, da rainha Carlota, de Egmont, do duque de Gloucester, do duque de Cumberland, de Jorge III (Taiti), Keppel, Wallis e muitas outras, e regressou a Inglaterra em maio de 1768. Carteret por sua parte descobre a ilha de *Pitcairn*, nome de um dos officiaes do *Andorinha*, a ilha do *bispo de Osnabrock*, reconhece o archipelago de *Santa Cruz* de Mendana, a que chama *Ilhas da rainha Carlota*, a ilha de Carteret e outras; faz um reconhecimento exacto do estreito que separa a Nova Irlanda da Nova Bretanha, ao qual dá o nome de *Canal de S. Jorge*; descobre outras ilhas a oeste da Nova Irlanda, taes como a *Nova Hanover*, *Portland* e *Almirantado*; e tendo concluido um trabalho geographico a respeito das Celebes, volta á Europa pelo cabo da Boa Espe-

rança, e fundea em Inglaterra no mez de março de 1769.

Logo depois d'estes dous illustres maritimos, a 5 de dezembro de 1766, partiu de Brest o primeiro circumnavegador francez, o celebre Bougainville, e a sua pittoresca viagem terminou no mesmo mez e anno que a de Carteret. Encarregado de entregar a um commissario hespanhol a posse das ilhas Malvinas, aonde os francezes tinham um estabelecimento desde 1764, e contra o qual reclamára o governo de Madrid, Bougainville embarcou na fragata *Desconfiada*, tocou no Rio de Janeiro e em Montevideu, passou ás Malvinas, aonde deu conta da sua commissão; e tendo-se reunido com a charrua *Estrella*, carregada de mantimentos e sobrecellentes para a expedição, cruzou o estreito de Magalhães, e navegando no mar occidental deu o nome de *Archipelago Perigoso* a um grande numero de ilhas baixas, que já provavelmente haviam sido vistas por Queiroz em 1606. Depois foi ancorar á ilha de Taiti, dando-lhe o nome de *Nova Cythera*, por se julgar transportado a um verdadeiro Eden de formosura. D'ahi foi reconhecendo muitas ilhas n'aquelle extenso oceano, parte das quaes já estavam descobertas, mas que receberam agora novas denominações; taes como o archipelago dos *Navegadores*, a ilha dos *Leprosos*, e as *Grandes Cyclades*. Tendo passado graves tribulações no golpho da *Luisiada*, e reconhecido uma numerosa porção de ilhas, ilhotes e restingas, voltou pelas Molucas e por Batavia ao cabo da Boa Esperança, e d'ahi a S. Maló, onde se terminou esta aventureira viagem de dous annos e quatro mezes.

Bougainville havia nascido a 11 de novembro de 1729, e morreu a 31 de agosto de 1811, com o titulo de conde do imperio, dado por Napoleão. A narração da sua viagem á roda do mundo é escripta com muito gosto, e pode ler-se na collecção de viagens compiladas por Montemont, e por elle judiciosamente annotadas. É delicioso o quadro que ali se encontra da ilha de Taiti, d'essa nova Cythera, onde o almirante Dupetit-Thouars plantou, não ha muitos annos, o pavilhão da França, como protectora de tão formoso paiz.

Anquetil, no seu *Resumo da historia universal* (volume XII) aprecia assim a viagem d'este illustre circumnavegador: «M. de Bougainville foi mandado por Luiz XV, com dous navios, a fazer novas descobertas, e procurar para a geographia conhecimentos uteis á humanidade. Este ousado, activo e intelligente navegador applicou-se principalmente a fixar com exactidão a posição de cada logar, a confirmar as observações dos antigos descobridores, ou a rectificar os erros commettidos por elles, a traçar os contornos das costas maritimas, descrever fielmente as marcas de reconhecimento das terras, indicar a direcção das correntes, os baixos e recifes, as variações das marés e dos ventos, e tudo que pudesse favorecer ou contrariar a navegação em mares até então desconhecidos.»

Antes que Bougainville regressasse a França d'esta sua viagem á roda do mundo, já havia saído de Inglaterra com o mesmo destino o celebre e infeliz Cook. No seguinte capitulo nos occuparemos d'este circumnavegador, um dos maritimos modernos que mais valiosos serviços prestou á sciencia.

(Continua).

F. M. BORDALO.



GOMMA ELASTICA.

A gomma elastica, ou caoutchouc, é o succo de varios vegetaes de especies differentes; mas os que fornecem a maior quantidade da que se consome na Europa, são a figueira elastica (*ficus elastica*) do reino de Nepaul, no Indostão, e a *Hevea Guyanensis*, arbusto da America meridional.

A *Ficus elastica* cria-se nas grandes estufas da Europa, sendo aqui muito estimada pelo effeito ornamental da sua folhagem. A *Hevea Guyanensis*, que se assemelha muito a uma planta bastante conhecida dos amadores, a *Hoya bella*, nada apresenta de verdadeiramente notavel. No seu paiz natal alcança algumas vezes proporções colossaes.

É notorio a quão diversos usos se applica hoje a gomma elastica, conhecida no commercio pelo nome de caoutchouc. A gutta-percha, substancia de natureza quasi identica, parece querer disputar-lhe a preferencia: entretanto o que pode asseverar-se é que tanto a gomma elastica como a gutta-percha tem hoje immensas applicações na industria.

Os omaguas, grande nação da Amazonia, temivel na guerra, é a quem se deve o primeiro emprego da gomma elastica. O mesmo methodo que elles usavam, segue-se ainda hoje com pouca differença.

Faz-se uma incisão profunda no tronco da arvore da gomma-elastica, a que no Brazil chamam *pau seringa*, denominando *seringueiros* os que extrahem esta preciosa substancia. Por aquella incisão vae escorrendo o succo leitoso da planta, que os indigenas recolhem em vaso apropriado.

Obtida porção de gomma passam a fabricar os objectos de que carecem pelo seguinte modo.

Um individuo, segurando no molde do objecto, que pretende fazer, (ordinariamente de barro), immerge-o na caldeira em que está a gomma elastica: depois expõe-o ao fumo produzido por madeira resinosa verde. A gomma solidifica-se immediatamente, formando sobre o molde uma camada mui tenue: para lhe augmentar a expessura repetem a operação, quantas vezes lhes parece conveniente. E obtido o resultado que desejam quebram o molde; assim manipulam infinidade de objectos, com maior ou menor perfeição, conforme a habilidade dos obreiros, e dos modelos empregados.

A estampa representa alguns negros executando diversos trabalhos de gomma elastica, em uma roça da provincia do Pará, no florescente imperio do Brazil.